

DOI <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v13.n31.07>

## **Sátira cultural, letras jocosas e peripécias bufoliterárias em Joanim Pepperoni, PhD**

*Cultural satire, joking writing and funny literary adventures  
in Joanim Pepperoni, PhD*

**Clóvis Da Rolt\***

**Resumo:** Este ensaio aborda alguns aspectos da produção literária do escritor Joanim Pepperoni, PhD. Além de analisar elementos do método de atuação do escritor, busca-se verificar as ocorrências do humor e da sátira como campos de significado de sua escrita. Desde a publicação de *A fantástica máquina de ensacar berros*, em 2013, o autor vem construindo uma obra marcada pelo olhar crítico sobre a região de colonização italiana do Rio Grande do Sul, especialmente a Serra Gaúcha, com a intenção de satirizar comportamentos, moralidades e elementos culturais regionais.

**Palavras-chave:** Joanim Pepperoni, PhD. Serra Gaúcha. Humor. Imigração italiana.

**Abstract:** This essay addresses some aspects of the literary production of Joanim Pepperoni, PhD. Besides analyzing elements of the writer's method of action, it seeks to verify the occurrences of humor and satire as fields of meaning in his writing. Since the publication of *A fantástica máquina de ensacar berros* in 2013, the author has been building a work marked by a critical eye on the Italian colonization of Rio Grande do Sul, especially the region of Serra Gaúcha, with the intention of satirizing behaviors, moralities and regional culture elements.

**Keywords:** Joanim Pepperoni, PhD. Serra Gaúcha. Humor. Italian immigration.

---

\* Universidade Federal do Pampa (Unipampa).

“O riso dá maleabilidade a tudo o que pode subsistir de rigidez mecânica na superfície do corpo social.”

*Henri Bergson*

A vida sem humor repousaria numa aridez rabugenta. Não há cultura que desconheça o humor, já que ele contrabalança os estados da alma humana e abre caminhos para um entendimento mais profundo da própria realidade como um todo. Expressão direta e lisonjeira do humor, o riso movimenta dezenas de músculos da face, mas é no espírito que o seu efeito é sentido. Abre-se uma fenda na realidade onde há humor e comicidade e, através dela, temos a possibilidade de olhar para nós mesmos por meio de outras referências que não sejam as usualmente requeridas para a inserção na vida social: a seriedade, a responsabilidade e os austeros protocolos do convívio. Nesse sentido, Berger (2017, p. 34) vê o humor e o cômico como intrusões na vida ordinária, como momentos de ruptura que colocam em xeque os temas “sérios” do mundo dito “real”.

O humor nos torna conscientes de que a busca pela construção de uma reputação séria (atualmente relacionada à eficiência, à produtividade e à rentabilidade) é, ela mesma, por vezes, um tanto ridícula. Digna de riso. A moda atual dos profissionais do *coaching*, por exemplo, tão empenhados em construir pessoas equilibradas, autocentradas, produtivas e emocionalmente balanceadas, sob o olhar de um bom romancista, renderia um excelente livro de humor. Inclusive, é possível antever como seria a personagem principal da provável narrativa: um sujeito obcecado por fórmulas de sucesso, truques retóricos e psicologismos à moda Poliana. Por sorte, não somos um catálogo de comportamentos a serem harmonizados, desbastados ou eliminados apenas para projetarmos sobre os outros uma figura bem-sucedida. É sempre preferível o fracasso honesto ao êxito inescrupuloso.

A grandeza do mundo humano está exatamente naquilo que as polarizações, deslizes e flutuações nele podem produzir. Há dias em que tudo em nós é imaginação, desejo e nostalgia; dias em que o medo, a insegurança e a melancolia reinam absolutos. Mas também há dias em que só o humor e a comicidade fazem a vida valer a pena. Explicada com toda pompa e solenidade por um pesquisador num congresso de cientistas – para uma audiência compenetradíssima –, uma teoria física revela muito sobre o entendimento da realidade. Por outro lado, uma piada, dita deliciosamente na mesa do bar, entre amigos, pode salvar o dia e anular os torpores da máquina da rotina que nos mói. Eis duas dimensões comunicantes da vida. Delas devemos extrair o melhor.

O humor perpassa a história cultural da humanidade. Aristóteles falou sobre ele num dos livros perdidos de sua *Poética*. Há a presença do humor e da sátira nas obras dos comediógrafos gregos e em Cícero, já entre os romanos. No ambiente medieval, onde tudo se voltou para Deus, houve pouco espaço para o humor, mas ele manteve-se vivo nos festejos populares e no teatro mambembe. Após o renascimento, o humor retorna juntamente com diversas sensibilidades jocosas, avança pelo mundo moderno e, na atualidade, continua sendo um recurso de significação da realidade por meio de diferentes expressões artísticas. O humor está em Rabelais, Maquiavel, Voltaire, Mark Twain, Machado de Assis, Charles Chaplin, Monty Python... Se olharmos para um autor contemporâneo, encontraremos na obra *O complexo de Portnoy*, de Philip Roth, um herdeiro do humor na literatura.

Certamente, foi motivado pelo valor fundamental do humor, da comédia e do riso como elementos constitutivos da experiência humana que o filósofo Peter Berger escreveu, na década de 1990, o livro *O riso redentor: a dimensão cômica da experiência humana*, que aprofunda algumas formas de expressão do cômico e seus usos, como diversão, consolação, jogo do intelecto e arma. Para Berger (2017, p. 18), “uma

das importantes funções sociais do humor parece sempre ter sido afrontar os sentimentos morais convencionais”. Mais recentemente, o filósofo e crítico Terry Eagleton escreveu o livro *Humor: o papel fundamental do riso na cultura*. No caso de Eagleton, o interesse por essa temática soa incomum, já que os marxistas, sempre tão envolvidos com a orquestração da consciência social, tendem a repudiar o humor ao tomá-lo como elemento de fuga diante da problemática concreta das relações humanas. Eagleton (2020, p. 25-26) sugere que “o humor faz pelos adultos o que a brincadeira faz pelas crianças, a saber, liberta-os do despotismo do princípio da realidade e concede certa liberdade escrupulosamente regrada ao princípio do prazer”. Antes de Berger e de Eagleton, o exercício de reflexão sobre o papel do humor, do cômico e do riso na vida humana ocupou filósofos e escritores como Henri Bergson, Vladimir Propp e Luigi Pirandello. Suas respectivas obras, *O riso: ensaio sobre o significado do cômico*, *Comicidade e riso* e *O humorismo*, inserem-se numa tradição que, de tempos em tempos, revisita as dimensões sociais, culturais e significativas do humor.

O humor e o cômico são as vias expressivas e estéticas que muitos artistas acolhem no contexto da produção de suas obras. Trata-se de uma opção que, do ponto de vista da técnica e do método de trabalho, cria recursos variados para o diálogo com um público receptor. Através do riso, das filigranas da ironia, da desconstrução palhacesca, do ataque satírico e da picardia caricaturesca, o humor, na arte, constitui um manancial de formas discursivas capazes de falar de alguns dramas insolúveis da vida, das agruras da sociedade, das relações humanas e suas vicissitudes. Longe de serem inofensivos, o humor e o cômico, a depender do modo como forem conduzidos, podem constituir estratégias altamente críticas, transgressoras e desestabilizadoras. Verdades profundas e incisivas são manifestadas através do humorismo e da comédia. Por isso mesmo, Berger (2017)

menciona que uma das dimensões do cômico consiste em utilizá-lo como arma, pela via da sátira, mediante um deliberado interesse de ataque direcionado a uma instituição específica, a um grupo social, a um conjunto de valores ou a um contexto cultural específico.

Diante deste breve quadro introdutório, emerge a figura de um autor contemporâneo que tem feito do humor e do enfoque cômico a base de seu projeto literário. Os elementos, situações, figuras, contextos e registros (numa mescla de realidade e ficção) presentes em sua produção revelam que sua verve humorística constitui uma opção clara pela “crítica de revés” – um olhar agudo e inteligente para a realidade que, devido à sua perspicácia chistosa, para quem o julga apressadamente, costuma ser classificado como histrionismo inofensivo, temperamento deslocado ou ressentimento. Porém, no caso de Joanim Pepperoni, PhD,<sup>1</sup> crítica de revés é deboche refinado, zombaria qualificada. Em suma, o autor opta pelo humor exatamente porque quer falar sério, sem vestir os trajes da indulgência.

Joanim Pepperoni, PhD, fez sua estreia em suportes impressos no ano de 2013, quando publicou *A fantástica máquina de ensacar berros*. Na esteira desta obra inicial, vieram a lume *Viagem à roda do Rio Tegão* – seguida de *A lenda da polenta* (2014), *Dom Chicote* (2015) e *A revolta do moinho* (2016). Às primeiras publicações, distribuídas gratuitamente no formato de cartilhas grampeadas, seguiram-se outras divulgadas no formato digital: *Nane Cainha & Nane Hábil* (2020), *Tragédia no palco* (2020), *Chapeuzinho de Palha* (2020), *Nane Tamanca & os quarenta empreendedores* (2020), *Rapa da panela* (2020) e *Joanim e*

---

<sup>1</sup> O autor apresenta-se como especialista em diversas disciplinas: Etnomilhografia, Carunchologia, Arqueologia de Sabugos, Cosmogonia de Milharais, Cronologia de Moinhos, Estratigrafia de Tulhas, Sedimentologia de Polenta, Densitometria de Farinha, Ph de Pipas, Água para Vinhos, Nanetecnologia, Genética de Perdizes, Mescolosinestesia, História Geral do Polentariado, Sabugologia, Topografia de Parreiras, Pátina de Matusalém, Panelaços na varanda, Bovid-17 etc.

*a lamparina de querosene* (2020).<sup>2</sup> Sob um olhar panorâmico, a leitura dos textos situa a escrita do autor num quadro fantástico cujo motor expressivo combina mitologias regionais, automatismos codificados pela cultura e comportamentos que, ao extrapolarem o limite do razoável, beiram a fábula. O substrato estético dos textos e a motivação para sua escrita se mantêm constantes: o olhar atônito, assombrado, por vezes incrédulo, em torno da vida sociocultural da região da Serra Gaúcha – especialmente da cidade de Caxias do Sul, que o autor chama de Polentawood – e do quadro de relações humanas (éticas, políticas, econômicas, morais, religiosas) ali instaurado em função dos desdobramentos do processo imigratório italiano na região.<sup>3</sup>

Em 2020, Pepperoni publicou sua *Obra Reunida*, que consiste numa compilação de todos os textos do autor referentes ao período que vai de 2013 a 2020 (o leitor, contudo, verá que a coletânea de textos cobre o intervalo 2013-2023, ou seja, como diz o próprio autor: trata-se da primeira antologia passada e futura da literatura cocanhese). Uma gama de modalidades, gêneros e formas textuais faz parte dessa publicação – poemas, narrativas em prosa, teatro, paródias de clássicos da literatura etc.<sup>4</sup> É necessário destacar, contudo, que a carreira do vate iniciou-se antes mesmo de 2013, através de incursões no blogue *A Terra*

---

<sup>2</sup> Algumas obras em formato digital estão disponíveis, gratuitamente, no sítio eletrônico *Academia*. Disponível em: <<https://independent.academia.edu/JoanimPepperoni>> Acesso em: 05/08/21.

<sup>3</sup> É fundamental pontuar que o entendimento, a análise e a interpretação da produção de Joanim Pepperoni, PhD passam pelo domínio de certos códigos inscritos numa região cultural (neste caso, a Serra Gaúcha). Quem não está familiarizado com a ambientação da vida neste quadro de relações contextuais poderá encontrar dificuldades para entender os trocadilhos, as piadas que envolvem figuras do meio cultural local e os usos do *talian* (variante da língua vêneta falada na região).

<sup>4</sup> Dos livros lançados por Pepperoni, *A revolta do moinho* (2016) parece ter sido o que mais logrou visibilidade. Por se tratar de um texto dramático, ele foi encenado em 2019 pelo Coletivo Enredo, uma companhia teatral de Caxias do Sul dirigida por Cristian Beltrán.

*da Cocanha*,<sup>5</sup> cuja primeira postagem data de 2009. Ali, certamente, Pepperoni calibrou os instrumentos para que suas experimentações com as letras alcançassem outros domínios. Atualmente, o autor está presente também nas redes sociais, onde expande sua cruzada literária em busca de amplitudes críticas.

Alguns mistérios e situações peculiares envolvem o autor aqui destacado. Não se sabe, exatamente, quem é a pessoa por trás da personagem Joanim Pepperoni, PhD. Ao produzir sua obra a partir de um pseudônimo, que também se expande para uma personagem cênica, Pepperoni manipula o mistério sobre sua real identidade como parte de seu método literário. Isso pode estar relacionado ao domínio satírico de sua escrita e à forma ácida com que, às vezes, ela maneja temas espinhosos, o que pode, a longo prazo, caracterizar o autor como uma *persona non grata*. Porém, se a literatura oferece-nos um espelho no qual podemos nos enxergar com mais acuidade, o que vemos nem sempre resultará agradável. Muitas vezes, o que há de relevante num texto é exatamente sua capacidade de desacomodar o leitor e de confrontar a realidade por ele instituída. Num nível profundo, a própria noção de “realidade” é posta à prova pela boa literatura. Pseudônimos, heterônimos e *alter egos*, bem como outras maneiras de ocultamento da identidade real, respondem a várias formas de configuração da assinatura autoral de um escritor. Por razões distintas, autores como George Orwell, Lewis Carroll, George Eliot e Pablo Neruda optaram por não utilizar seus nomes reais em sua produção literária. O caso de

---

<sup>5</sup> No blogue *A Terra da Cocanha*, Pepperoni anota algumas percepções, *insights*, chistes e montagens imagéticas cômicas, tudo focado na sátira a elementos culturais regionais. Nesse sítio eletrônico, Pepperoni apresenta-se como “um sujeito em busca de compreender uma terra exótica e estranha, equilibrada no alto de uma montanha de farinha”. Além do blogue *A Terra da Cocanha*, Pepperoni mantém outro blogue, *Os infames infantes da crítica literária*, através do qual ironiza e satiriza o meio literário regional. Disponível em: <<http://aterradacocanha.blogspot.com/>> e <<http://infamesinfantesdacriticaliteraria.blogspot.com/>> Acesso em: 6 ago. 2020.

George Eliot, pseudônimo da escritora inglesa Mary Ann Evans, indica o cenário difícil para a mulher escritora no século XIX, que, muitas vezes, optava por publicar com um nome masculino para que sua obra lograsse mais circulação e aceitação.

Sabe-se que Pepperoni vive em alguma cidade serrana do estado do Rio Grande do Sul, na região de colonização italiana. Tudo indica que seja Caxias do Sul, onde o autor costuma fazer algumas aparições em feiras do livro e outros eventos literários. Uma dessas aparições, caracterizado com o figurino que elegeu para dar vida à sua personagem (uma composição brejeira semelhante a um matuto com cara de espiga de milho), aconteceu por ocasião da premiação do 55º Concurso Anual Literário de Caxias do Sul, em junho de 2021. Nesse certame, três textos do autor (*Procura da polenta*, *Polenta à moda da Cocanha* e *Mignão*) foram premiados com a segunda colocação na categoria poesia. A figura cênica de Pepperoni alude ao milho, base de um alimento muito apreciado na região, apesar de seu baixo valor nutricional: a polenta.

Vertidos em imagens icônicas, o milho e a polenta aparecem nos textos de Pepperoni com diversos sentidos. Inclusive, um engraçado carimbo, onde se lê “Polenta com Pissacàn – EX LIBRIS”, enfeita a primeira página de seus livros. Para Cei e Pelinser (2017, p. 114), o autor

converte em hipérbole a importância do milho e de seus derivados como fontes de alimento e de renda durante o processo de colonização e reconstrói, em chave humorística, os precários utensílios de trabalho desenvolvidos pelos colonos para cultivo da terra quando de sua chegada à região sul do Brasil.

Desse enredo surge, ainda dentro do que afirmam Cei e Pelinser, a “imagem da ‘nanetecnologia’, o aparato a um só tempo rústico e tecnológico criado pelo habitante prototípico desse espaço ficcional,



o ‘Nane’”. Simbolicamente representativa, a polenta é tão presente no contexto regional aqui destacado que, na cidade de Monte Belo do Sul, ocorre bianualmente um festival de esculturas de polenta. Não deixa de ser engraçado constatar que vivemos para presenciar a arte escultórica evoluir do mármore à farinha!

Dentre as situações peculiares referenciadas anteriormente, estão alguns procedimentos compositivos e de divulgação, dos quais Pepperoni lança mão para fazer seu trabalho circular. Toda sua produção é autofinanciada. Engana-se quem pensa que, por parte do autor, há um esforço de profissionalização relativo à produção de capas, editoração, marketing e distribuição de seus livros. Tais procedimentos, geralmente onerosos e acessados por muitos escritores por meio de financiamento público ou privado, são deliberadamente sobrepujados por Pepperoni. Definitivamente, não lhe interessa que seus materiais impressos “se pareçam” com livros de literatura ou tenham “capas atrativas” – pois isso ajudaria nas vendas, diriam muitos editores. Também não parece ser relevante ao autor a chancela de selos editoriais ou o suporte financeiro angariado através de um edital público – o qual, geralmente, passa pela avaliação e deliberação de comissões e júris, instâncias que o autor parece repelir. A sensibilidade de Pepperoni não se inscreve na insana burocracia da cultura, cada vez mais selvagem, superficial e pouco interessada em verdadeiros talentos.

O processo de trabalho de Pepperoni, no plano da sua relação com os leitores, é propositalmente amador, pouco elaborado, sem perfumarias ou arapucas editoriais. Autor interessado na *desimagem* e no *antiprocesso*, Pepperoni nunca se refere aos seus textos como produtos a serem “lançados” (com a pompa às vezes bizarra e caricatural de algumas sessões de autógrafos, eventos midiáticos e afins), mas, sim, “arremessados” (numa alusão ao *Observatório Colonial*, 4º andar, onde aparentemente reside, em Caxias do Sul). Uma editora fictícia

(Editora Prensa de Torresmos Cantina do Frei); prefaciadores que assinam suas análises – hilárias, diga-se – mediante pseudônimos (serão eles pessoas reais do círculo de Pepperoni, também envolvidas com a literatura, ou apenas personagens-prefaciadores criados pelo próprio autor?); desinteresse pelos holofotes; distância dos ambientes institucionalizados e regradados pela burocracia administrativa das “políticas culturais”; irreverência e perspicácia no trato da linguagem: eis alguns aspectos da atuação de um autor que faz de Polentawood o cenário de batalhas quixotescas contra alguns registros petrificados da cultura local.

A distribuição dos textos de Pepperoni, impressos em tiragem pequena e sem passar por editoras, é feita discretamente, em pontos estratégicos (feiras, eventos culturais, algumas livrarias), pelo próprio autor. Geralmente, não são vendidos, mas disponibilizados gratuitamente. Num gesto de autoironia, o próprio autor explica os motivos:

Porque sou contra a comercialização de livros ruins, distribuí todos os exemplares gratuitamente. Não concordo com esse negócio de publicar livrinho de vampiros, ir até as escolas fazer os *bambini* comprar e oferecer “palestra” de graça como contrapartida. Isso aí é pura falcatura, falta de seriedade na profissão! (PEPPERONI, 2020, p. 235).

Os materiais impressos, inclusive, podem chegar pelo correio a alguns leitores selecionados. Fazer parte da lista de Pepperoni pode ser um privilégio. Mas há que se ter cuidado com o gesto benemérito: o autor pode estar zombando, cinicamente, de quem recebeu o modesto regalo. Uma exceção a essa sistemática operativa é sua *Obra Reunida*, que está disponível para aquisição no sítio eletrônico do Clube de Autores, uma plataforma virtual de autopublicação. Ainda assim, ao reunir seus textos, o autor opta por não adotar as mediações tradicionais do sistema editorial, já que a proposta do Clube de Autores é que qualquer pessoa

suba um arquivo em formato PDF na plataforma, a fim de recebê-lo impresso em formato de livro, sem que ele passe por qualquer tipo de avaliação qualitativa ou meritória.

Por meio de sua aparente ingenuidade e falta de domínio dos protocolos ditos “sérios” em torno de algumas práticas constitutivas do meio literário (especialmente no que tange à liturgia dos mecanismos de consagração) – e também através do desvio dos ritos profissionais –, Pepperoni mostra-nos que há vida inteligente para além da capa dura, do papel *couché*, da impressão a quatro cores e dos prefácios elogiosos que podem iludir o leitor. Vida inteligente para além do psicologismo piegas, dos procedimentos de correção moral, dos temas da moda e das cruzadas político-partidárias que vêm se alojando sob o manto da literatura. Existem obras valorosas em gestação – ou já em circulação, como é o caso do trabalho de Pepperoni – que não se encaixam nas codificações com as quais muitos insistem em definir o que é uma contribuição relevante à arte e à cultura. Nesse sentido, o trabalho do autor constitui um convite para que se desvie o olhar de vários elementos pouco relevantes em relação à literatura, a fim de que nela se busque aquilo que, historicamente, mostra-se fundamental: um texto desestabilizador, instigante, provocativo, que lança a realidade em direção aos espaços movediços da fantasia e do prazer, e a faz regressar.

No caso de Pepperoni, o texto satírico, do qual falaremos mais adiante, delimita um perfil autoral e uma sensibilidade específica que se estendem aos modos de atuação do autor. Isso quer dizer que, ao agir na contramão dos comportamentos usualmente requeridos frente à sustentação do campo literário, Pepperoni mostra-se um crítico sagaz dos maneirismos e clichês que fazem os desavisados pensar que ser um escritor é, necessariamente, encaixar-se num círculo de obrigações e esquemas atitudinais. Atualmente, em muitos casos, os escritores

empreendem um périplo infundável em torno de comportamentos, atitudes e formas de inserção no mercado. Não basta escrever: é preciso engajar-se em causas planetárias; defender agendas; participar de “coletivos”; alimentar compulsivamente os perfis de redes sociais com performances da intimidade; vender quinquilharias – como canecas e chaveiros – associadas aos seus livros; abrir canais no *YouTube* para ensinar os “segredos” da literatura etc. Sua distância em relação a muitos comportamentos afetados, seja qual for a identidade real do autor, revela que se trata de alguém muito preparado no campo das Letras, um intelectual no qual a vaidade (ainda) não inoculou seus venenos.

Do ponto de vista de um enquadramento histórico, Pepperoni não constitui uma novidade no que se refere ao uso da sátira e do humor caricatural como formas de representação da imigração italiana no Brasil. Cei e Pelinser (2017, p. 113) entendem que Pepperoni segue uma senda aberta por alguns autores que o antecederam, como é o caso de Juó Bananère (pseudônimo do escritor Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, que, nas primeiras décadas do século XX, satirizou as práticas culturais de imigrantes italianos radicados na cidade de São Paulo), Aquiles Bernardi (frei capuchinho que, na década de 1920, ao publicar as histórias de Nanetto Pipetta, criou representações das utopias e idílios que cercavam a busca da *Cucagna* pelos imigrantes italianos da Serra Gaúcha) e Carlos Henrique Iotti (cartunista que, na década de 1980, se notabilizou por haver criado o Radicci, personagem muito popular na região da Serra Gaúcha que, juntamente com sua família – a esposa Genoveva e o filho Guilhermino –, satiriza aspectos comportamentais dos descendentes de imigrantes).

Os possíveis antecedentes criam um corpo de conteúdos aos quais Pepperoni dá sequência mediante as idiossincrasias de sua escrita. Contudo, para Arendt (2020, p. 109), Pepperoni “parece

mergulhar bem mais fundo do que esses autores na cultura italiana da Serra Gaúcha, satirizando os principais elementos simbólicos que estruturam o imaginário e dão sentido às práticas locais”. A análise de Arendt destaca como pontos centrais das obras de Pepperoni o fundo mitológico da Cocanha, a paródia como recurso técnico, as incursões na sátira política e a crítica ao sistema literário da Serra Gaúcha. Quanto ao último ponto, Arendt (2020, p. 121) esclarece que

Joanim Pepperoni não se furta da reflexão crítica sobre o sistema literário serrano. Além da menção, em forma de trocadilhos, a nomes de escritores locais, o autor assume uma postura beligerante em favor da mudança comportamental dos personagens que atuam nesse sistema.

Já não surpreende o quadro de pobreza estético-literária que avança no mundo atual. Os automatismos e as condutas estereotipadas visíveis no meio cultural são, inclusive, alvo de algumas provocações espirituosas de Pepperoni, como é possível conferir em algumas de suas postagens no blogue *Infames infantes da crítica literária*, assinado por Joanim Farofa & Pepe Caruncho. Numa postagem intitulada *De camelivros a camelivródromos*,<sup>6</sup> a crítica dirige-se à publicação compulsiva e sequencial de alguns escritores, que se convertem em camelôs escolares ávidos pelo próximo evento literário em que poderão desencahar sua produção. Para Pepperoni, tais escritores são, na verdade,

camelivros carregados de sacolas [que] esbarram uns nos outros, e em si mesmos, nos corredores da escola, cada qual correndo mais que o outro para demarcar espaço, garantir sessões de autógrafos e vender livros. Um verdadeiro camelivródromo, com direito a fotos nas redes sociais expondo as inocentes presas [os alunos]...

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://infamesinfantesdacriticaliteraria.blogspot.com/2018/05/de-camelivros-e-camelivrodromos.html>> Acesso em: 06 ago. 2021.

Em outra postagem, *Sobre “Feiras do deus me livre”*,<sup>7</sup> Pepperoni alfineta a cafonice e o lugar-comum em que se transformaram inúmeras feiras do livro:

Como a literatura já deixou de ser o foco do evento, a solução é transformá-la [a feira do livro] numa feira paroquial, onde tudo pode ser experimentado, exceto boa literatura. Assim, são convidados cantores, piadistas de *stand up*, blogueiros e cuspidores de fogo, e oferecidos *food trucks*, camas elásticas, pescarias, mesas de pife e canastra, bancas de adoção de animais abandonados e cursinhos expressos de degustação de vinho doce de garrafão. Tudo para entreter a audiência, que nem lembra o que realmente deveria ser homenageado.

As estratégias de inserção que Pepperoni elabora sobre sua produção surgem à margem de um sistema “oficial” de visibilidades. Talvez isso ocorra exatamente porque o sistema oficial, em alguns casos, constitui a nova face do amadorismo. Pepperoni não dá atenção à qualidade visual de suas publicações; não ensina estratégias de ampliação de vendas; não obriga escolas a adquirir seus livros em troca de palestras; não se pronuncia sobre projetos inexistentes (o que fazem muitos escritores como forma de parecerem ocupadíssimos e permanentemente instalados no reino sobrenatural da criação); não atua como palpiteiro de generalidades no *YouTube* sob o pretexto de ensinar escrita criativa... Sua atuação é de outra ordem, mais complexa nas suas operações, mais elaborada diante da urdidura da palavra, mais consciente acerca do que pretende atingir.

Após mencionarmos alguns aspectos gerais da produção de Joanim Pepperoni, PhD, cabe direcionarmos a análise para alguns elementos expressivos e discursivos de sua escrita. Este enredo resulta em opções formais e estilísticas que operam no plano da representação da realidade. A escrita literária cria representações acerca de como o mundo, no seu imensurável entrelaçamento de significados, pode ser

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://infamesinfantesdacriticaliteraria.blogspot.com/2018/04/sobre-feiras-do-deus-me-livre.html>> Acesso em: 6 ago. 2021.

percebido. Além disso, como afirma Jouve (2012, p. 86), o interesse no texto literário “está justamente na multiplicidade de conteúdos que ele veicula, aqueles que ele transmite intencionalmente e aqueles que ele exprime ‘por acidente’”. No caso de Pepperoni, o fio condutor de sua produção literária passa pelo âmbito contextual de onde ela surge, o que equivale a dizer que ela assume marcações histórico-culturais ligadas aos valores, comportamentos e moralidades da região de colonização italiana do estado do Rio Grande do Sul, especificamente, da Serra Gaúcha. A partir desse eixo significativo, interessa ao autor escarafunchar – num misto de iconoclasmo e deboche – os elementos balizadores do *modus operandi* ético instaurado na região a partir do final do século XIX, quando iniciou o processo de acolhida dos imigrantes italianos em terras brasileiras.

Todo processo imigratório, como se sabe, produz seus mitos, seus símbolos, suas narrativas e suas memórias, os quais vão sendo perpetuados por processos culturais que se entrelaçam à dinâmica da construção dos vínculos sociais. Tais facetas – que permeiam os processos imigratórios como um todo, independentemente de sua natureza e de sua localização geográfica – estão também presentes no âmbito da imigração italiana na Serra Gaúcha. É nesse cenário que Pepperoni colhe imagens, revisita mitos, interpreta valores e examina atuações humanas que transcorrem sob a marca da contextualidade cultural. Cei e Pelinser (2017, p. 114) sustentam que é sobre a

disjunção entre sonho e realidade que se debruça a ficção de Joanim Pepperoni, PhD, a qual satiriza os costumes cristalizados pelo tempo na região da Serra Gaúcha, tendo como recurso personagens ora livremente inventados, ora inspirados em personalidades locais, ora ressignificados a partir de clássicos da literatura.

Por trás do método desenvolvido por Pepperoni, cujos princípios e resultados, à primeira vista, podem soar displicentes e inócuos (exatamente porque o autor opta pela sátira), há uma valorosa perspicácia analítica que expõe a vida cultural da região à crítica. Tal exposição abre os flancos da vida moral regional a fim de mostrar, preferencialmente, como ela atua na disseminação de valores (alguns bastante fúteis) blindados pelo uso mecânico: a sovinice, a astúcia, a inveja, a prática de perscrutar a vida alheia, a comilança, o trabalho e a renúncia ao ócio. É o que se vê em dois poemas que integram *A fantástica máquina de ensacar berros*.

#### ***Sobre a ave-símbolo***

Da Terra da Cocanha  
elejo como símbolo  
ave sem artimanhas.

Não quero-quero, sabiá  
urubu, tico-tico-no-fubá...

O João-de-barro elejo  
– pássaro de pujança  
que ao revés da gralha  
quanto mais labuta  
tanto mais gargalha.  
(PEPPERONI, 2020, p. 28)

#### ***Sobre o empreendedorismo***

Pra não gastar as botinas,  
de tamancas vai pra roça  
E pra poupar na farinha  
come casca de mandioca

Mas o que tem de sovina  
o Nane tem de esperto:  
inventou *una macchina*  
pra “chover no deserto”

Um invento, por suposto,



de muito lucro e sincero:  
enquanto ele esfola o porco  
a *macchina* ensaca o berro  
(PEPPERONI, 2020, p. 41)

Uma das marcas da vida cultural da região da Serra Gaúcha consiste na atuação de um imaginário que, ao longo do tempo, instituiu imagens canônicas voltadas à representação do imigrante italiano como uma figura heroica, audaz, progressista e resiliente diante das adversidades da vida. Isso gerou a ideia de um lugar habitado por um povo austero e circunspecto. Nas palavras de Pepperoni (2020, p. 234): “escolhi a sátira [...] porque na Terra da Cocanha é tudo tão sério que quase nada pode ser levado a sério”. Assim, é sobre uma base de imagens canônicas que Pepperoni constrói seus textos, os quais voltam-se à satirização dos estereótipos que elas podem produzir ao operarem como formas oficializadas de representação. Pode-se dizer que o estereótipo é o princípio indutor da escrita de Pepperoni. Dessa forma, o lugar-comum e o clichê (recursos comumente solicitados para o humor) são emoldurados num plano expressivo contradiscursivo, numa clara tentativa de minar o imaginário e revelar suas contradições e avessos.

No âmbito da Serra Gaúcha, inúmeras representações culturais originam-se a partir de leituras laudatórias, festivas e fabulosas acerca do processo migratório italiano e, mais especificamente, acerca da índole do imigrante como uma figura trabalhadora, abnegada e dotada de uma moralidade superior. Nesse sentido, um aspecto muito presente nos textos de Pepperoni é a exposição de vícios, desvios, fraquezas e imperfeições da vida cultural regional que se chocam contra um quadro mítico impregnado de idealizações. Como diz Cassirer (1994, p. 128), o mundo mítico “é um mundo dramático – um mundo de ações, de forças, de poderes conflitantes” que conserva um valor antropológico

fundamental, pois “todos os seus motivos fundamentais são projeções da vida social do homem”.

Num quadro de idealizações projetadas sobre a figura do imigrante e de seus descendentes, há o entrecruzamento das dimensões simbólicas do trabalho e da fé, as quais costumam aparecer nos textos de Pepperoni. Ambas as dimensões, no âmbito regional aqui observado, possuem fortes bases afetivas ligadas ao processo migratório italiano e operam como vínculos entre um presente de fartura e um passado de escassez. Pepperoni aciona a relação passado-presente em *Viagem à roda do Rio Tegão*, obra na qual empreende uma odisséia alegórica que pretende desbravar a Terra da Cocanha. Com isso, o autor busca entender as origens e singularidades do lugar (Polentawood), bem como as razões que levam os cocanhesees a serem tão envaidecidos diante de tudo o que constroem e empreendem. Ao reconstruir a Terra da Cocanha, que, na narrativa, fora assolada por um dilúvio, Pepperoni (2020, p. 95-96) diz:

Nosso objetivo maior, com todos esses prodígios, era o de sermos lembrados pelas gerações futuras como pioneiros das priscas eras, gênios atávicos, arquétipos civilizatórios, titãs míticos, heróis d’antanho, vetustos desbravadores, pais do progresso, paradigmas do estoicismo, propugnadores da diversidade etc.

Mas o empenho do bardo fracassa. Ao contrário do heroísmo e da eficiência que marcam os pioneiros imigrantes do ponto de vista do imaginário regional, Pepperoni constrói uma narrativa que resulta em desventuras. A nau em que desbravava o Tegão<sup>8</sup> (juntamente com dois desentupidores de bueiros, uma cozinheira do McNonas, o canhoneiro

---

<sup>8</sup> Referência ao Arroio Tega (às vezes chamado de Tegão pelo autor), cuja nascente localiza-se no bairro São Ciro, em Caxias do Sul. O riacho atravessa a cidade de Caxias do Sul e deságua no Rio das Antas, na cidade de Nova Roma do Sul.

Milhoseppe Granibaldi e o capitão Marco Polenta) encontra seu infeliz destino:

O que se seguiu é inenarrável e por isso trago-lhes apenas a súpula guardada na memória: nossa mísera embarcação atingira o limite geográfico da Terra da Cocanha, o ponto limítrofe onde tudo começa, ou tudo termina. Para nossa surpresa e azar (um imperdoável erro metodológico para um homem da Ciência como eu!); para nossa malsinada existência, a Terra da Cocanha não era redonda: era chata!

E nossa nau precipitou-se no abismo, cumprindo-se, assim, a maldição do Velho do Restolho (PEPPERONI, 2020, p. 97-98).

O final da odisseia pepperônica é instigante por narrar um fracasso e um desfecho malogrado diante da recomposição sardônica da Terra da Cocanha. Isso é incomum diante do quadro imaginário da memória da imigração italiana, que, de um modo geral, elimina as referências que coloquem em xeque o pioneirismo dos imigrantes e sua capacidade de instaurar o progresso. O que merece ser perpetuado são apenas os relatos que colaborem para a criação de uma imagem digna e elevada para o imigrante. Isso ressoa no que diz Pazuch (2015, p. 14), ao afirmar que

os livros, revistas e jornais publicados sobre a imigração italiana na região [da Serra Gaúcha], com raras exceções, não narram fracassos, retrocessos ou problemas individuais e coletivos das colônias, pois estes são vistos apenas como parte de um processo já superado, que deve ser ocultado para destacar somente os atos heroicos do imigrante pioneiro e desbravador.

O imaginário da imigração italiana é a seara de onde Pepperoni retira mitos, personagens, alegorias, figuras e metáforas que, desestabilizados pelo humor, adquirem novas tonalidades expressivas e novos ângulos críticos. Tal imaginário costuma assentar-se nas imagens da penúria, da fome, da escassez e do desamparo vividos pelos imigrantes, os quais foram vencidos pela disciplina do trabalho

e pelo suporte espiritual da fé católica. Esse enredo imaginário precisa ser propagado e confirmado a cada nova geração, de modo a servir como um substrato que organiza a vida social em seu jogo de valores. Em síntese, o sofrimento vivido pelos imigrantes, em sua trajetória de ocupação territorial da Serra Gaúcha, funciona como uma lição pedagógica que não pode ser esquecida para os que almejam uma inserção nesse contexto.

Entre as esferas da idealização e da concretude do mundo; entre o passado e o presente; entre a furtividade da cultura (sempre uma invenção) e os imperativos da realidade (nem sempre maleável), há um complexo jogo de tensões que situa a região da Serra Gaúcha num quadro de valores que incidem diretamente na conformação de um cenário ético. Dessa forma, alguns comportamentos, qualidades e inclinações – fortemente amparados no imaginário da imigração italiana – podem atuar na elaboração dos requisitos necessários a qualquer indivíduo que queira tecer laços de pertencimento regional: carregar um sobrenome de origem italiana; nutrir precauções em relação ao futuro mediante a manutenção de reservas monetárias e patrimoniais; ter sua vida direcionada desde muito cedo às atitudes empreendedoras; mostrar-se permanentemente insatisfeito, do ponto de vista material, com aquilo que possui; reclamar constantemente de sua condição de penúria econômica, ainda que isso nem sempre seja verdade; ter sido iniciado nas técnicas da pechincha e da barganha como formas de navegação social; reverenciar sobejamente o valor moral do trabalho; abster-se do ócio e do prazer gratuito, considerados dispersivos e não teleológicos.

Embora os comportamentos, qualidades e inclinações apresentados acima possam parecer reducionistas e calcados em chavões culturais, é exatamente a partir deles que Pepperoni tece sua escrita. O objetivo do autor consiste, então, em investigar os substratos

imaginários do contexto regional da Serra Gaúcha com vistas a elaborá-los esteticamente pela via humorística. O autor tem plena consciência da potência significativa e do valor de “verdade” que o imaginário possui. Seu objetivo não é destruí-lo, desmerecê-lo ou ridicularizar os que por ele estão tutelados – até porque todos nós, em alguma medida, estamos ligados a conteúdos forjados por distintas manifestações do imaginário. A intenção do autor é tão somente a de efetuar o gesto de exposição, o movimento de tirar o véu, o procedimento de levantar o tapete para debaixo do qual a sujeira foi varrida. Isso é o que fazem os bons escritores.

Nada escapa ao olhar atento de Pepperoni em suas peripécias bufoliterárias em meio à Terra da Cocanha, lugar característico por seu perpétuo vínculo emocional com a Itália (que o autor chama de Paphlagônia). Figuras, lugares e situações que envolvem aspectos da vida cultural da Serra Gaúcha são referenciados mediante uma linguagem satírica que, a despeito de sua atitude jocosa, é reveladora de uma percepção aguda acerca de comportamentos, atitudes e sentidos convocados para a construção da vida coletiva. Os personagens, lugares e objetos a que Pepperoni confere densidades estéticas – o herói Nane Tamanca, o bravo Milhoseppe Granibaldi, o profético Velho do Restolho, as divindades Polentino e Canjiquite, o capitão Marco Polenta, a cozinheira do McNonas, a nanetecnologia, a Praça Dantes Pen’agora, o rio Tegão, os Chevettes lustrados, o Debulhador Maneta, o Vechio do Milharal – acabam por revelar um entendimento singular da arquitetura cultural serrana por parte do autor. Em virtude de atuar fora dos enredos canônicos da representação literária e artística regional, sua produção escrita caracteriza uma voz dissonante, ainda isolada, à espera de leitores.

Joanim Pepperoni, PhD é um autor que traz um novo gás à produção cultural da Serra Gaúcha. Ao remexer as terras compactadas

da tradição – o que sempre é um processo temerário –, o autor cumpre uma importante função no sentido de mostrar que ela pode, sim, ser ressignificada e reconduzida a novos parâmetros de leitura. Todavia, o principal aspecto de sua literatura consiste na exposição da volubilidade, da teatralidade e dos meandros labirínticos do imaginário, esta entidade tão misteriosa e incidente em nossas vidas. Pepperoni não é uma ameaça. É um artista. Um escritor. Alguém que, por definição, vê as coisas com antecipação. Constatamos, assim, que a literatura tem algo de dadivoso: para que possamos ver mais e melhor, empresta-nos olhos que não são nossos.

## Referências

ARENDDT, João Claudio. “De tudo, à polenta ficarei atento”: notas sobre a obra do escritor cocanhês Joanim Pepperoni, PhD. *Revista Odisseia*, Natal/RN, v. 5, n. esp., jul.-dez. 2020.

BERGER, Peter L. *O riso redentor: a dimensão cômica da experiência humana*. Petrópolis: Vozes, 2017.

CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o homem*. Introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro. A desautomatização da linguagem da cocanha: entrevista satírica com Joanim Pepperoni, PhD. *Revista Di@logus*, 2017, v. 6, n. 2.

EAGLETON, Terry. *Humor: o papel fundamental do riso na cultura*. Rio de Janeiro: Record, 2020.

JOUVE, Vincent. *Por que estudar literatura?* São Paulo: Parábola, 2012.

PAZUCH, Giovane. *Imigração italiana na colônia de Antônio Prado-RS: catolicismo e sociabilidades (1885-1945)*. 2015. 172 f. Dissertação

(Mestrado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2015.

PEPPERONI, PhD, Joanim. *Obra reunida (2013-2023)*. Polentawood/Joinville: Editora Prensa de Torresmos Cantina do Frei/Clube de Autores, 2020.

PEPPERONI, PhD, Joanim. Joanim Pepperoni, PhD (Entrevista). In: CEI, Vitor et al. (Orgs.) *Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas*. Vitória: Cousa, 2020.

*Recebido em: 12/08/2021*

*Aprovado em: 29/09/2021*